

## DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

### UM CAPÍTULO DE MONTOYA SOBRE OS PAULISTAS

Plínio AYROSA\*

Raros serão os documentos referentes às atividades dos paulistas no século XVII, principalmente os de origem espanhola, que não se alarguem em impropérios e azedumes contra os nossos antepassados. A terrível persistência com que os piratininganos se haviam no avassalamento do sertão, produziu, em torno de suas atitudes ríspidas e de suas marchas insopitáveis, uma atmosfera de pavor e de ódio, incapaz de permitir um juízo sereno sobre suas finalidades e, muito menos, uma palavra sequer de admiração pelos seus feitos grandiosos.

Lançados à aventura, não houve nunca impecilho algum que obstasse os seus intentos: rios, florestas, febres, falta de alimento insídias de toda espécie, montanhas e pantanais, tudo isso retardou, às vezes, os seus passos, sem jamais conseguir reter a avalanche quase sempre vencedora e apavorante. Nem os próprios símbolos sacrossantos da fé cristã - a Cruz e o Santíssimo Sacramento - ante os quais os reis e os capitães-mores se curvavam reverentes, puderam sustar os seus gestos

---

(\*) Plínio Ayrosa (1895-1961) foi o primeiro titular da cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-guarani, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Pertenceu à Academia Paulista de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Deu a público, em bem cuidadas edições, diversos textos antigos, de interesse lingüístico, para o tupi-guarani, assim como publicou numerosos artigos sobre a influência tupi no português do Brasil. O artigo que aqui se transcreve, foi publicado em "O Estado de S. Paulo" em 1942 e transcrito na "Revista da Academia Paulista de Letras", nº 21, pp. 49-54, de março de 1943.

desassombrados ou fazer com que baixassem um pouco o olhar duro, altivo e dominador.

A rudeza do ambiente em que viviam endurecera-lhe o coração; os mil e um tropeços das caminhadas sem fim de há muito lhes haviam ensinado que não se dominam povos e nem se conquistam territórios com branduras e transigências. Se, para atingir o seu ideal, foi preciso arredar do caminho mesmo os legítimos e altos símbolos de uma religião que era positivamente a sua religião, eles os arredaram sem titubeios, com o maior desembaraço, destemerosamente. Respeitavam-nos, é exato, mas não admitiam que deles usassem os seus adversários para lhes barrar a trajetória necessária e luminosa.

Por isso aparecem os paulistas, nos documentos coevos e mesmo nos posteriores à época das entradas, como assassinos, ladrões malditos, desalmados gente do demo, quando, em verdade, eram tão somente homens que sabiam o que queriam e que sabiam querer sem desfalecimentos.

Abundando naqueles qualificativos não de todo amáveis, e salientando bem o traço característico do ânimo bandeirante, vem na **Conquista Espiritual**, de Montoya um capítulo curioso em que, com pinceladas negras e rápidas, o insigne jesuíta peruano esboça a cidade de São Paulo e reaviva o perfil bravo do paulista de antanho.

Essa grande obra, vertida integralmente do guarani por Batista Caetano, embora se ressinta de certa coordenação cronológica, como faz notar Taunay, é, no entretanto, repositório muito valioso de informes autênticos sobre um dos setores mais interessantes de nossa história, e sobre uma das zonas mais curiosas do ponto de vista etnográfico. Publicada na Espanha no segundo quartel do século XVII, tem sido, parece-nos, mal aproveitada pelos nossos historiadores e muito pouco consultada pelos que se dedicam a questões etnográficas. De fato deve interessar precipuamente aos que quiserem colher achegas para a história da catequese mas, de maneira geral, além de ser um dos mais vastos textos em tupi-guarani, fornece dados magníficos a respeito de grande número e detalhês indispensáveis à reconstituição histórica do chamado "império" jesuítico, teoricamente representado pelas célebres "Missões"

Demais, é trabalho de quem viveu os instantes de horror ali descritos; de quem conheceu, como pouco os fios todos da teia imensa

que a perseverança e a abnegação dos jesuítas teceram por dezenas de anos visando isolar, nas mesopotâmias interiores, as populações ingênuas e sadias, que se corromperiam e sofreriam se expostas ao contacto malsão e violento dos colonos do litoral.

À **Relacion de los agravios**, dos padres Mancilla e Mazetta, e aos informes preciosos de Jarque as palavras de **Conquista espiritual** de Montoya servem perfeitamente de subsídios excelente. Nesse largo relato de quanto se fez nas Missões desde antes de 1602, surgem capítulos repletos de reminiscências históricas, de notas curiosas sobre usos e costumes indígenas e, sobretudo, de referências a fatos ainda obscuros ou diversamente encarados pelos nossos pesquisadores.

Dentre todos, porém, destaquemos uns trechos daquele capítulo XXIV, dedicado, por assim dizer a São Paulo e aos paulistas. Relata o notável jesuíta e mestre do tupi-guarani:

“Ha na terra chamada Brasil que é conquista dos portugueses, uma aldeia grande (**tabuçu**), que se chama São Paulo, a qual está acima da serra Paraná-pihába, distante do mar apenas 16 léguas. Ali ha gente de todas as qualidades, vindas da Espanha, da Itália, de Portugal e de outras terras, que só se ocupa e cuida de fazer coisas ruins. A vida deles é só matar gente, e se alguém procura livrar-se de ser seu escravo, é maltratado como animal”.

Ao descrever os sucessos daqueles dias inesquecíveis passados na Missão de Santo Antônio, destruída pelas tropas de Simão Álvares no ano da graça de 1629, sob a impressão ainda das cenas pavorosas a que assistira, assim fala de nossos avós bandeirantes:

“Aqueles homens, mais ferozes que os pagãos, invadiram as nossas povoações, vencendo, matando as gentes, e até profanando a santa Casa de Deus. Nós, os padres, em percebendo isto, lá fomos ao lugar onde tinham reunido os pobres aprisionados, pedindo-lhes que os soltassem das cadeias de ferro. Nem bem ouviram o nosso pedido, e eis que os desalmados, como loucos gritam imediatamente apontando-nos aos seus soldados: pegai, matai esses malditos!...

E assim gritando, sem mais ouvir, dispararam os seus mosquetes. Feriram oito ou nove pessoas, das quais uma morreu

imediatamente. Ao padre Quirino de Mendonça eles frecharam no braço. Prenderam o padre José Domenec e para mim apontaram as suas armas com vontade de me roubar a vida. Tirei de pronto, porém, as roupas que me cobriam o peito e disse: Varai-me depressa o coração com vossas balas! Eles não o fizeram, mas com todas as qualidades de más palavras nos rebaixaram maltratando-nos e, malditos nos disseram em altas vozes: Vós não sois padres de modo algum; sois simples demônios odiados de Deus, inimigos de Deus!...

Depois disto, ei-los que entram a tocar os seus tambores, igualados chefes e soldados, e varam pelos povoados de Santo Antônio e São Miguel para matar a gente que havia neles. Os pobres índios acudiram-se na santa Casa de Deus e, não obstante ali, assim como no matadouro se abate a rez, de igual modo foi o povo todo assassinado. Os santos paramentos pertencentes à igreja eles os roubaram, e deram cabo dos santos óleos”.

Um último recurso, em face das violências inauditas, ocorre a um dos missionários: levar o Santíssimo à porta do templo e expô-lo aos olhares dos assaltantes. Respeitá-lo-iam, por certo, apesar do ímpeto brutal com que se haviam contra gente inerte e desarmada... Montoya a isso se opõe - conhecia ele muito bem os paulistas - lembrando que tais homens do símbolo cristão escarneceriam, se não o pisassem para melhor o injuriar.

Dentro da igreja, assassínios frios e bárbaros; fora, no pátio, a horda cada vez mas exaltada exigindo sangue e submissão completa dos padres. Os paramentos rolam de mão em mão entre motejos; o óleo santo é derramado entre gargalhadas e os altares destruídos a golpe de espada.

É nesse turbilhão em que se confundem índios, padres, soldados e cabos de tropa que, num supremo gesto de misericórdia, olhos postos no céu alto e sereno, tomam os catequistas todas as hóstias virgens ainda da profanação, e as recebem em suas entranhas, para morrer com elas junto ao coração... **haé rámo oró tupārahoí opacatú hostia mirím hobaçapyre peteín aubé jepé reva beímo...**

As cenas de depredação continuam. Os gritos de ódio e os gemidos de dor sucedem-se num crescendo trágico; a confusão entre os

que procuram se defender facilita os golpes do atacantes. Mas um quadro porém, de rara beleza e de profundo simbolismo recorta-se sobre o fundo claro da paisagem tranqüila; visado diretamente pela mira de um mosquete paulista, ia o padre Mazetta pagar com a vida o descuido de uma palavra qualquer, quando, ninguém soube de onde, salta, rápido como um jaguar, um índio com os dentes cerrados, e interpõe-se decidido entre a arma ameaçadora e o corpo do jesuíta. Abraça-se ao padre, cobre-o com o escudo de seus músculos retezos, expõe ao inimigo o torso vigoroso e brônzeo... e tomba, exangue, com a carga toda do trabuco bandeirante...

- No inferno hás do pagar esses teus desvarios, invectiva num ritus de cólera e de horror o padre Mazetta, fixando com o olhar o matador insensível. Este o escuta, muito senhor de si, pronto a intervir com a costumada eficiência em outros setores da refrega, não sem lançar à face do ingênuo jesuíta, esta frase tremenda e incrível na boca de um cristão:

- Eu do inferno me livrarei quando quiser, até mesmo contra a vontade de Deus!

Frase sobremodo violenta e desvairada, na opinião de Mazetta, não fora a única, aliás, que as crônicas primevas nos transmitiram, capazes de definir, com rispidez e precisão feitiço rude dos homens da vila de São Paulo. Em outra oportunidade e em resposta a uma ameaça semelhante, um outro paulista desabusado afirmara que, se a Inquisição o perseguisse, ele acabaria com a Inquisição a frechadas...

Sem temor da Inquisição troçando com o inferno e desafiando o próprio Deus, naturalíssimo que os paulistas dessa têmpera enfrentassem todos os perigos e que merecessem de Montoya, neste passo de sua obra, os qualificativos que, como centelhas terríveis, pontilham todos os velhos documentos atestadores das suas grandes proezas legendárias. Jarque pôde dizer também, certa vez, que a gente de São Paulo era "gente la más desalmada que hay en el mundo".

As palavras de Montoya, lidas em tupi-guarani, na própria língua falada pelos protagonistas das cenas comovedoras desenroladas em começos de 1629, adquirem uma força nova e evocam de maneira toda especial os instantes inenarráveis em que os paulistas, para desempenho cabal de sua grande missão histórica viram-se cobertos de

sangue e atingidos pelas admoestações mais ásperas e pelos pejorativos mais infamantes.

Simão Álvares, entretanto, cumpriu o seu dever destruindo a aldeia de Santo Antônio; Montoya e seus companheiros de infortúnio, por entre o surdo rumor de suas queixas justas cumpriram o seu dever, também, colocando, imorredouramente, o nome dos paulistas na ponta aguda das suas invectivas insopitáveis...